

CAPÍTULO 14

A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM VIRTUAL NA LINGUAGEM FORMAL DE ADOLESCENTES DO 9º ANO EM UMA ESCOLA URBANA NO MUNICÍPIO DE TEFÉ-AM



<https://doi.org/10.22533/at.ed.5421225030614>

Data de aceite: 11/09/2025

**Carlos Henrique Cavalcante De Oliveira
Ramalho**

Mestrando Especial do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH da Universidade do Estado do Amazonas UEA/CEST. Especialista em Geografia História e Sustentabilidade FACPRISMA; Especialista em Educação do Campo; História Cultura Africana e Afro-brasileira, UAB/IFAM

Jonilton Arantes Puca

Especialista em Ensino de Química – UCAM; Especialista em Ensino da Matemática – FCE, Graduação em Química Universidade do Estado do Amazonas UEA/ Centro de Estudos Superiores de Tefé CEST e em Matemática UniCv

Roseane Silva Do Nascimento

Especialista em Metodologia no Ensino da Língua Portuguesa e Inglesa; graduação em Língua Portuguesa Universidade do Estado do Amazonas UEA/CEST

Marques César Batista Da Silva

Especialista em História do Brasil – Faculdade Única de Ipatinga/MG; Graduação em História pela Universidade do Estado do Amazonas UEA/ Centro de Estudos Superiores de Tefé CEST

Joelma Cristina Cavalcante Lemos

Especialista em Educação Museal pela Universidade Aberta do Brasil UAB/UEA; Graduada em Artes Visuais Universidade Federal do Amazonas UFAM

Naiandra Falcão Dos Santos

Graduada em Licenciatura em Biologia/ Química Universidade Federal do Amazonas

Elienias Barbosa De Souza

Especialista em Biologia e Práticas Pedagógicas PROMINAS, Graduação em Ciências Biológicas Universidade do Estado do Amazonas UEA/CEST

RESUMO: A linguagem virtual informal é uma das mais utilizadas pelo público jovem, uma linguagem bem diferente da oficial, possui abreviaturas que não se encontra na gramática da Língua Portuguesa, esse precedente, foi compreendido-se durante esta pesquisa com o objetivo principal de analisar a influência da linguagem virtual informal no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa junto aos alunos do 9º Ano do Fundamental II (anos finais) de uma escola estadual localizada no perímetro urbano central da cidade de Tefé/

AM. Entrevistaram-se 05 estudantes e 02 professoras de Língua Portuguesa, na segunda quinzena do mês de novembro de 2024, e os resultados indicam que o internetês, trouxe preocupações, tendo em vista que por hábito, os alunos deixam de escrever corretamente para fazer uso de abreviaturas erradas, comprometendo assim, o desempenho individual. Os professores de Língua Portuguesa, salientam que o uso de aparelhos eletrônicos portáteis, por exemplo, celulares é possível, desde que para a prática da pesquisa, não se desviando para outra função, alertam também, que os celulares não podem substituir os livros, sugerem que o uso destes últimos vem contribuindo para uma melhoria na ortografia dos alunos, no entanto, está distante a qualidade desejada desse processo de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Abreviaturas. Celulares. Linguagem. Virtual. Verbal.

THE INFLUENCE OF VIRTUAL LANGUAGE ON THE FORMAL LANGUAGE OF 9TH GRADE ADOLESCENTS IN AN URBAN SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF TEFÉ-AM

ABSTRACT: Informal virtual language is one of the most used by young people, a language that is very different from the official one, it has abbreviations that are not found in the grammar of the Portuguese language, this precedent was understood during this research with the main objective of analyzing the influence of informal virtual language on the teaching and learning process of the Portuguese language with students of the 9th Year of Elementary II (final years) of a state school located in the central urban perimeter of the city of Tefé / AM. Five students and two Portuguese language teachers were interviewed in the second half of November 2024, and the results indicate that the Internet has raised concerns, given that, out of habit, students stop writing correctly to use the wrong abbreviations, thus compromising individual performance. The Portuguese language teachers point out that the use of portable electronic devices, such as cell phones, is possible, as long as it is for research purposes and does not divert them to other functions. They also warn that cell phones cannot replace books, and suggest that the use of the latter has contributed to an improvement in students' spelling, although the desired quality of this teaching process is still a long way off.

Words-key: Abbreviations. Cell phones. Language. Virtual. Verbal.

INTRODUÇÃO

Este artigo com o tema: a influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes do 9º ano em uma escola urbana no município de Tefé-AM, com objetivo principal analisar a influência da linguagem virtual informal no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, especificamente: identificar as abreviaturas comuns utilizadas pelos estudantes; compreender o significado da linguagem virtual informal, o internetês e perceber o uso da linguagem virtual informal na produção de textos.

Justifica-se a partir do momento em que as novas tecnologias da informação estão ao alcance de praticamente todos, assim, houve uma democratização que ocorreu com o uso de celulares com aplicativos para o envio e recebimento de mensagens, dessa maneira, o público adolescente, passou a empregar uma linguagem própria, abreviações inexistentes na gramática oficial brasileira.

Daí a necessidade e a relevância de entender até que ponto esta linguagem informal e virtual vem afetando a linguagem formal que é transmitida pelos professores no ambiente escolar. Entende-se que os aparelhos celulares devem ser incorporados ao ensino tendo em vista o fascínio que exercem principalmente sobre o público mais jovem, dessa maneira, é oportuna esta pesquisa, por trazer informações novas e por também explorar um tema que ainda não foi esclarecido sob o ponto de vista crítico e acadêmico.

Os resultados indicam que os alunos, realmente fazem uso de uma linguagem bem particular, denominada de internetês, uma linguagem repleta de abreviaturas que sequer existem na gramática oficial brasileira, dessa forma, estes jovens estudantes, com a insistência do uso dos aparelhos celulares, acabaram por se acostumar a escrever equivocadamente, criando suas abreviações, que, embora, compreendidas, diferem bastante das que são reconhecidas como integrantes da Língua Portuguesa.

LINGUAGEM FORMAL E NÃO FORMAL NO UNIVERSO VIRTUAL

A cultura da linguagem formal e não formal é parte integrante da sociedade, portanto faz parte do cotidiano social e escolar. No entanto, ambas as linguagens vêm ao longo das últimas décadas sofrendo com constantes transformações, isso deve ao acesso democrático aos meios tecnológicos de comunicação de massa, por exemplo, o celular e o computador. Nesse sentido, é importante que se analise o conceito e a importância de ambas as linguagens na contemporaneidade.

Quando se discute sobre aplicação da linguagem no universo virtual, de imediato, se associa o público jovem ou adolescente como os maiores praticante, nesse sentido, Amaral (2003, p. 31) *apud* Ribas *et. al.* (s/d, p. 2) enfatiza: “a linguagem adotada no mundo virtual requer habilidades de escrita rápida para esta geração *net*, o que cria uma solução intermediária de comunicação, provocando muita preocupação aos estudiosos”. Interpretando esse posicionamento é possível deduzir que a linguagem virtual requer além do domínio quanto o uso dos recursos tecnológicos oferecidos pelos aparelhos eletrônicos, habilidades motoras com a sensibilidade certa para que a comunicação consiga fluir da melhor maneira, ou seja, que tanto quem escreve quanto quem recebe essa escrita possa compreender o que está implícito nessa forma de comunicação.

No entanto, é preciso ficar atento aos erros de grafia, tendo em vista que os jovens e/ou adolescentes costumam errar ou até mesmo suprimir palavras, dessa forma, é importante considerar o que diz Bortoni-Ricardo (2004, p. 9), no livro: *Educação em língua materna sociolinguística na sala de aula*: “Os chamados erros que nossos alunos cometem tem explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua. Portanto, podem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica”.

A autora indica de forma clara os erros que comumente ocorrem em relação à linguagem são previsíveis, sendo assim, é possível desenvolver estratégias que possam

contribuir de maneira positiva nesse processo contínuo e sistemático da língua para evitar que os jovens e/ ou adolescentes venham cair nas ciladas de linguagem e de escrita que eles mesmos criaram. Ainda sob esta discussão, a mesma autora, em outra publicação “O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa” (2013. p. 46) afirma que o professor necessita do exercício da pesquisa com objetivos de trabalhar os problemas. Deduz-se que esses problemas podem estar relacionados à linguagem formal e informal, como se observa abaixo:

O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário do conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas, de forma a melhorar sua prática (RICARDO BORTONI, 2013, p. 46).

Interpretando a opinião da autora é possível que os problemas de uso excessivo da informalidade seja o reflexo do não envolvimento do professor em pesquisas que possam conduzir os alunos a uma mudança de postura, fazendo-os com que a linguagem formal possa prevalecer mais, e por sua vez, conduzir estes mesmos alunos ao zelo e atenção no momento em que são exigidos a escrever e/ ou digitar em seus celulares, tablets ou computadores portáteis.

O CELULAR/ TABLET COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

A educação escolar vem se modernizando a cada ano, as exigências de uma educação de qualidade ao mesmo tempo inclusiva e de promoção para o exercício pleno da cidadania se constitui como o objetivo principal. Assim, integrar o uso do celular ao processo de ensino pode contribuir de maneira positiva e direta, tendo em vista que o público jovem e/ ou adolescente tem um grande fascínio por este tipo de aparelho, o celular, que detém muitas funções, por exemplo, acesso a internet. O celular desde que começou a ser introduzido como um telefone portátil de longo alcance vem constantemente sofrendo aperfeiçoamento, ou seja, os avanços tecnológicos constantes sugerem que seu uso na educação pode gerar benefícios para os educandos. Quanto à atração dos jovens, Antônio (2010) *apud* Pinheiro (2012, p. 122-123) tem a seguinte opinião:

Essa atração deve-se, principalmente, à mobilidade e às diversas possibilidades que ele retém, tais como ouvir rádio ou mp3, assistir à TV, tirar fotos, fazer filmes, gravar voz, jogar videogame, mandar e receber e-mails ou arquivos, acessar a Internet etc.

Nota-se que são muitos os recursos oferecidos por um único celular, então, o professor, precisa explorar esses recursos os trazendo para a educação, entretanto, é necessário que se trabalhe a linguagem formal, tendo em vista que a informalidade pode conduzir os alunos a cometer erros de escrita, por exemplo, criando abreviaturas e/ou palavras suprimidas.

O problema é que maioria dos educadores da rede pública de ensino não faz uso dessa tecnologia a seu favor, isto é, como ferramenta para a apreensão do conhecimento, pode-se dizer que este tipo de postura seja mais cômodo tendo em vista que negar o uso do celular em sala de aula é bem mais conveniente no sentido de que o professor também não precise dominar os recursos oferecidos por este aparelho. Mais, quando se explora, mesmo que recursos básicos, o celular oferece: gravações audiovisuais das aulas; calculadoras; agenda de tarefas etc.

Outro aspecto relevante nesta discussão em torno do celular como ferramenta de aprendizagem na educação é sobre a dinâmica dos avanços dos meios de comunicação, principalmente de informática integrado aos celulares de última geração, denominados de ‘smartphones’. Esses avanços são constantes, aparelhos cada vez com mais recursos, isso implica diretamente no desempenho do(a) professor(a) que precisa dominar o uso dessa tecnologia no sentido de orientar os alunos para explorá-los principalmente em pesquisas. Entende-se que sem pesquisa não há existir um ensino de qualidade, e o simples fato de excluir os celulares e outros aportes tecnológicos é também negar ao aluno o amplo conhecimento que está disposto no universo virtual.

Quanto à existência do celular no Brasil, os primeiros registros desse aparelho datam do “ano de 1993” (FERRARI, 2003, p. 111, *apud* COUTO, s/d, p. 3). Sendo assim, seria imaturo afirmar que o processo de ensino mediato por este tipo de aparelho é de pleno êxito, no entanto, caminhamos nesse sentido, e um dos passos mais importantes nessa jornada é incluí-lo como ferramenta de promoção a aprendizagem. Cabe destacar que esse uso deve ser o mais formal possível, tendo em vista, que muitos jovens e/ou adolescentes necessitam de orientação para dirimir completamente o internetês, vindo a adquirir o hábito da leitura, escrita ou digitação de maneira correta, sem ir de encontro às regras gramaticais, por exemplo.

O INTERNETÊS, A LINGUAGEM VIRTUAL ‘DA MODA’ DOS ESTUDANTES JOVENS E ADOLESCENTES

Um dos primeiros destaques em relação ao uso da linguagem informal, o internetês, é seu uso sistemático principalmente por jovens e/ou adolescentes. É uma linguagem empírica, surgiu do cotidiano social e tem todo um contexto cultural e linguístico, quando não se tomam os cuidados necessários, esse tipo de linguagem torna-se um的习惯, e é ai justamente que o problema se desenrola. A pessoa se habitua as supressões, muitas das vezes excessivas, que por sua vez, acabam por interferir na escrita. Quem tem pouco ou nenhum contato com a linguagem internetês, se espanta, enfim, são verdadeiras agressões gramaticais. O internetês foge completamente o padrão formal de linguagem, cria uma linguagem paralela, também denominada de informal.

É preciso deixar claro que não é só o internetês que pode levar o aluno a cometer erros de escrita formal, suprimida ou de fala. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 37), pode ocorrer também diferenças de linguagem entre a convivência familiar e a escola:

[...] são simplesmente diferenças entre variedades da língua. Com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina a cultura da oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade, como vimos, e culturas de letramento, como é a cultivada na escola.

Então, interpretando Bortoni-Ricardo (2004) vê-se que um único aluno pode viver ao mesmo tempo duas realidades de linguagem distintas. A primeira onde o predomínio é da oralidade e a segunda da formalidade disseminada no ambiente de ensino, a escola. Assim sendo, o internetês, está mais próximo da linguagem do lar, ou seja, da oralidade, pois, o aluno escreve, digita ou suprime uma palavra de acordo com a sua pronúncia, não se importando muito com os erros de ortografia, por exemplo. Já na sala de aula, quando o (a) professor (a) de Língua Portuguesa exige uma produção textual, esse aluno, deve encontrar dificuldades para produzir essa atividade dada à influência sistemática e contínua da oralidade e do internetês em seu cotidiano.

Cabe então à família e a escola desenvolver hábitos de uma única linguagem, no caso formal, para que no futuro, esse aluno, domine a pronúncia e a ortografia que exigem a Língua Portuguesa. Nesse sentido, qual seria o conceito de internetês? Segundo Pinheiro (2012, p. 125):

O internetês é uma forma de linguagem que geralmente ocorre através da interação online e mescla características das modalidades oral e escrita. Ele tem sido apontado como vilão em sala de aula, pois foge à norma padrão da língua e, por isso é, geralmente, citado como uma das causas do uso 'errado' da língua em atividades escolares.

Analizando a autora, percebe-se que o internetês, apesar de tudo, é uma linguagem que chegou para ficar, encontrou um espaço amplo, e assentou-se junto ao público jovem e/ou adolescente de maneira definitiva. Ignorar sua existência seria então uma ofensa, no entanto, é preciso modificá-lo, ou seja, retirar o quanto mais rápido possível do seu vocabulário supressões de palavras que ferem a correta linguagem e a escrita, dessa forma, o (a) professor (a) deve o quanto antes, desenvolver métodos e metodologias de ensino que valorizem, aproximem e que ao mesmo tempo propagem a linguagem formal e a escrita, as associado ao uso sistemático e direto do celular.

FALAR E ESCREVER CORRETAMENTE SEM ABUSAR DA LINGUAGEM VIRTUAL: INTERNETÊS

Falar bem e em público requer fundamentalmente o exercício contínuo e diário da leitura, que por sua vez apresenta resultados positivos quando se escreve. Nota-se então, que esse é o desafio dos professores das escolas públicas e particulares em todo o Brasil

para alcançar a qualidade do processo de ensino formal. Dessa forma, a linguagem virtual, que foi introduzida com o título de ‘internetês’ deve ser apreciada como objeto de estudo.

Estruturar ideias, conceitos, e principalmente dominar o que se está querendo transmitir com clareza e exatidão, torna-se algo complexo, e que se acentuou bastante com o advento da *internet*, melhor, com sua democratização. O celular, agora liga, recebe chamada, envia e também recebe mensagens de texto dentre outras funções, no entanto, o que se questiona, é a forma como se escrevem as mensagens, tendo em vista o abuso de supressões inexistentes na gramática brasileira associada a símbolos criados pelos próprios comunicadores juvenis.

Ao se deparar com essa realidade em sala de aula, o professor, de língua portuguesa, principalmente, muitas das vezes não sabe qual iniciativa deve tomar, considerando que o reflexo de um texto com internetês, mesmo sem intenção, é incorporado pelo aluno, que por sua vez, passa a usá-lo em substituição a grafia de palavras formais.

Entende-se que a linguagem com auxílio de ferramentas tecnológicas veio facilitar bastante a comunicação, contudo, não é possível aceitar os abusos de uma linguagem que ao poucos vem suplantando a formalidade que a escola e os professores apresentam aos alunos. Sob essa inquietação tecnológica, Logan (1999) *apud* Braz; Meneguetti *et. al* (s/d, p. 2) demonstra os seguintes abusos de supressões ou de abreviações de palavras, empregadas principalmente por jovens, através do uso sistemático de celulares: *bjs* representa beijos; *aki* aqui; *blza* beleza; *hj* hoje; *vc* você.

Há outras, muitas, centenas de palavras advindas da linguagem internetês. Exposta essa situação, percebe-se que o uso correto da escrita das palavras nos celulares e outros aparelhos está cada vez mais distante da cultura linguística formal que o aluno conhece na escola. Há também, outros argumentos que podem contribuir mais para a discussão sobre os abusos do internetês, e um desses seria segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 48) o grau de escolarização, e afirma: “Os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico. Observe que estes fatores estão intimamente interligados ao status socioeconômico, na sociedade brasileira”.

Sendo assim, abusar das abreviaturas do internetês é contribuir no ambiente escolar para a existência de problemas relacionados a qualidade do processo de ensino, e é claro que quando se trata dessa discussão em particular, o professor é o primeiro a ser visado. A família, quase sempre não assume que contribuiu para esse abuso, principalmente se essa família tem condições socioeconômicas de adquirir um ‘*smartphone*’ de última geração e entregá-lo nas mãos do aluno. Passa então, o referido aparelho, simbolizar ‘*status*’ social, e os problemas de abreviações de palavras ou a inclusão de símbolos é ignorado. Assim sendo, negligencia-se todo um contexto de ensino, abre-se mão do repertório linguístico formal, e consequentemente faz o uso com insistência do internetês.

Portanto, são paradigmas que necessitam de atenção especial, pois, o que analisa é a banalização do uso do celular na escola, ainda não se criaram perspectivas para definitivamente integrá-lo ao processo de ensino no sentido de promover uma educação linguística de qualidade.

MÉTODO E METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida para a construção desse trabalho, nesse primeiro momento é de investigação bibliográfica. Para construção do arcabouço teórico. O segundo momento, denominado de etapa de campo, consiste com o uso do método participante, com a aplicação de um formulário de entrevistas com 10 (dez) questões subjetivas, em um universo de 04 alunos e 02 professores(as) de Língua Portuguesa do 9º Ano Turma A do turno matutino do Ensino Fundamental (anos finais), zona urbana do município de Tefé-AM. A pesquisa participante segundo Silva (2006, p. 124) é: “quando se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”.

A coleta de dados dar-se-á ‘*in loco*’, ou seja, nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador (SEVERINO, 2003). O uso de questionários abertos, segundo Andrade (2007), é importante para enfatizar e sintetizar as informações articulando-as com as questões norteadoras de forma clara e ter ligação concreta com o objetivo proposto.

A análise dos resultados consiste sobre as formas comuns de abreviação e/ ou supressão de palavras empregadas pelos alunos, conhecidas como ‘internetês’ com o uso sistemático dos aparelhos celulares ou similares, e também nas estratégias didático-pedagógicas utilizadas pela professora de Língua Portuguesa para divulgar a forma correta de escrita das palavras.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola (em sigilo) é uma das mais importantes instituições públicas de ensino formal regular da cidade de Tefé, no estado do Amazonas, atende especificamente aos estudantes do Nível Fundamental (anos finais), nesse sentido, de forma sucinta, apresenta-se o histórico da referida instituição, que surgiu dada a demanda estudantil, meados da década de 1980. A princípio, era anexo da Escola Estadual Tefé (fictício), ainda funcionando no prédio das Irmãs Franciscanas de Maria, situado a Rua Getúlio Vargas no centro, também de Tefé/AM. Nesse, permaneceu por oito anos consecutivos, até que, foi transferida para seu local atual, digo, a Estrada do Aeroporto, no bairro de São Francisco.

A partir dessa breve explanação, inicia-se a descrição dos resultados e discussões obtidos nessa pesquisa. Assim, os primeiros entrevistados, foram 04 estudantes, escolhidos aleatoriamente junto à turma do 9º Ano Turma A do turno matutino do Ensino Fundamental (finais), abordagem de campo ocorrida na segunda quinzena do mês de novembro de 2024, com a aplicação do formulário de entrevista.

Questionou-se sobre a importância da escrita formal seguindo todas as orientações gramaticais. Os alunos indicaram que sim, escrever certo é de fato importante, ressaltaram também, que obedecer as regras gramaticais pode: “[...] ajudar na produção de textos

escritos de forma correta [...] é uma oportunidade para se aprender as regras e para escrever corretamente". Assim, escrever certo, mediante a prática de regras cujo esclarecimento se encontra na Gramática da Língua Portuguesa pode diferenciar e ao mesmo tempo capacitar e preparar os alunos para os desafios futuros no Ensino Médio, assim também se aproxima com velocidade e trás desafios mais complexos de escrita e análise formal na universidade.

No momento subsequente os alunos definiram o significado de linguagem formal e linguagem informal. A formal seria: “[...] a maneira correta de escrever ou [...] uma aprendizagem para fazer uma boa prova”. A informal: “Uso de muitas abreviações erradas de palavras ou [...] a forma de escrever errado”. Nota-se que os alunos sabem diferenciar a linguagem formal da informal comprehende que a linguagem informal pode ajudar a desenvolver o hábito da supressão de palavras, isto é, de abreviações muitas erradas, por exemplo, a linguagem internetês, objeto principal de investigação deste trabalho.

Sabe-se que atualmente o uso de aparelhos eletrônicos portáteis como celulares e tablets, exercem um grande fascínio sobre o público jovem, dessa forma, os alunos salientaram a possibilidade de explorar os recursos oferecidos por estes aparelhos quanto ao aprendizado dos conteúdos de Língua Portuguesa. Assim, afirmaram: “[...] o celular pode facilitar a prática da pesquisa, tirar dúvidas, ajudar na escrita de textos [...] ajudar no desenvolvimento e no estudo da Língua Portuguesa [...] ajudar na correção de textos e na escrita de verbos”. Portanto, para os alunos do 9º Ano do Fundamental há sim, como explorar o uso dos aparelhos eletrônicos portáteis (celulares e tablets), pois, oferecem uma diversidade de recursos, desde a pesquisa a correção de textos que exijam, por exemplo, o uso de verbos com a conjugação mais complexa.

Outro fato relevante é quanto à possibilidade do uso desses recursos para o desenvolvimento do estudo da Língua Portuguesa, isso porque, há uma grande quantidade de regras e orientações gramaticais que por sua vez, demandam tempo para que o aluno as domine tanto na teoria quanto na prática. Sendo assim, abaixo, listamos na forma de glossário, as palavras que os alunos participantes utilizam com frequência, dando forma à linguagem digital, também denominada de internetês:

Escrta Oficial	Escrta Internetês
Também	Tbm.
Aqui	Aki.
Quando	Qndo.
Boa	Boua.
Noite	Noyt.
Comigo	Cmgo.
Por que	Pq.
Você	Vc.
Não	Ñ.

Hoje	Hj.
Qualquer	KualKer.
Internet	Net.
Rir	Rrsrsrsrsrs
Como	Km.
Mesmo	Msm.
Amor	Amr.
Tudo	Tdu.
Beleza	Blz.
Bom	Bm.
Nada	Nda.

Tabela 1: Linguagem Formal e Informal dos alunos participantes

Verifica-se que o(a) aluno(a) ‘inventaram’ uma escrita própria, acredita-se que tantas abreviaturas, resultem da necessidade de se comunicar mais rápido, tendo em vista que levaria muito mais tempo escrever corretamente as palavras que aqui se destacou. No quinto questionamento, procurou-se identificar a opinião dos alunos sobre os erros relacionados à prática da escrita ao empregar o internetês, isto é, se os hábitos de abreviar também passaram a ser adotados nas escritas dos textos solicitados pela professora de Língua Portuguesa em sala de aula, os alunos responderam: “*Sim, a escrita está diretamente relacionada ao internetês [...] sim as palavras costumam ser escritas erradas [...] sim, e isso pode causar problemas no futuro*”.

Vê-se claramente que os alunos têm a noção exata do problema, ou seja, do hábito contínuo e sistemático de abreviar nomes que sequer possuem abreviaturas oficiais dispostas na gramática da Língua Portuguesa. Outro fato relevante que de tanto abreviar tornou-se algo que também levaram para a escrita de textos formais em sala de aula, aumentando ainda mais o risco de um desempenho quanto ao aprendizado da Língua Portuguesa, abaixo das expectativas. Reconhecem que esta prática pode lhes causar problemas futuramente, melhor, quando ingressarem em um nível mais elevado de ensino, onde as exigências de escrita serão maiores e mais complexas.

É possível que o uso dos recursos disponíveis nos aparelhos eletrônicos portáteis, possa ser explorado pelo professor (a), independente da sua área de conhecimento. Chegasse a esse ponto de vista quando de maneira breve, apreciamos que todos os alunos, um total de 25 alunos do 9º Ano A, tem celular. Dessa maneira oportuna, buscou-se saber se a professora de Língua Portuguesa explorava o uso dessa tecnologia digital em suas aulas. Os alunos entrevistados indicaram o seguinte: “*Não [...] na maioria das vezes não [...] não, não faz uso*”. Analisando de maneira mais criteriosa, se verifica que o não uso do celular em sala de aula tem uma justificativa aceitável, considerando que o Governo do Estado do Amazonas, proíbe o uso de aparelhos celulares e similares em sala de aula. A cópia dessa lei se encontra fixada em todos os estabelecimentos de ensino da rede estadual.

Os jovens, adolescentes e até mesmo as crianças são fortemente atraídas pelos aparelhos eletrônicos como celulares e tablets. Dessa maneira, questionou-se quantas horas por dia os alunos do 9º Ano Turma A, se dedicam a manusear estes aparelhos, especificamente quanto ao uso do aplicativo *WhatsApp*, tendo em vista que este envia e recebe mensagens, imagens e vídeos, e é o mais empregado quanto ao uso do internetês, ou seja, para a escrita de palavras abreviadas.

WhatsApp é uma aplicação de mensagens instantâneas, gratuita e multiplataforma, que permite aos usuários trocar mensagens de texto, fazer chamadas de voz e vídeo, e compartilhar diversos tipos de arquivos como fotos, vídeos e documentos, usando a internet. É uma ferramenta popular para comunicação pessoal e também tem versões para empresas, como o *WhatsApp Business*. “*Aproximadamente uma hora, não cola escrever palavras corretas! Pra mim só existem abreviaturas [...] O dia todinho e a metade da noite [...] não fico teclando, é uma perda de tempo*”.

A dedicação ao teclar por horas e horas seguidas, pode inclusive se tornar um problema, pois, não restará tempo para fazer pesquisas, estudos etc. É mais sensato o uso do celular de forma moderada, sem que este uso possa causar problemas. Em seguida, responderam quanto ao uso do celular, especificamente de abreviações em mensagens enviadas e recebidas aos amigos, parentes, etc., contendo erros, até mesmo de internetês. Os alunos afirmaram que: “*Cometi erros, liguei para eles [...] Sim, já cometí muitos erros [...] Sim é preciso tomar cuidado para não virar hábito*”.

O internetês e suas abreviações se constituem em supresões que não existem na gramática oficial da Língua Portuguesa, e o que mais preocupa é que essas abreviações ainda são escritas de forma equivocada, então, os jovens, erram em duplicidade. Entretanto, é preciso, como também salientaram tornar cuidado, pois, escrever errado pode causar futuramente um transtorno maior, um hábito que dificilmente será corrigido. A frente, os alunos disseram que ao empregar com frequência a linguagem informal oriunda do internetês podem causar os seguintes problemas: “[...] *O que mais prejudica é o errar, abreviaturas que não colam [...] Preocupo com a escrita das minhas provas, redações e até mesmo o caderno*”.

O ato de escrever com uso de abreviaturas é bem complexo, tendo em vista a diversidade existente na gramática oficial da Língua Portuguesa, isso complica ainda mais com a ‘invenção’ de abreviaturas de palavras oriundas do internetês, dessa maneira, involuntariamente, o aluno pode acabar empregando uma dessas palavras em substituição a outras oficiais, e com isso, produzir textos errados em sua escrita, resultando do hábito inadequado das abreviaturas. Vê-se que ao escrever errado, o aluno acaba apresentando incertezas e dúvidas quanto ao seu verdadeiro potencial, daí é que se justifica a preocupação com a escrita de provas, redações textos, etc.

Após, desvelar o uso do internetês mediante o envio e recebimento de mensagens com o uso do aplicativo *WhatsApp*, solicitou-se aos alunos que indicassem sugestões no

sentido de contribuir para a melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos de Língua Portuguesa, principalmente na produção de textos com uso de normas formais, estes, alunos apresentaram: “[...] Fazer redações no próprio aparelho para acostumar a escrever certo [...] Usar o dicionário para verificar se a palavra está certa [...] Evitar uso de abreviações, utilizar mais a linguagem formal!”

De certa forma, são iniciativas simples, que podem elevar o nível da qualidade quanto ao uso da escrita a partir de palavras sem abreviação ou até mesmo abreviadas de maneira correta. O que não se pode, é deixar de fora da sala de aula o uso de ferramentas tecnológicas, pois, quando assim o fazemos, estamos trabalhando a exclusão, e se os aparelhos eletrônicos portáteis existem, é necessário explorá-los, pois, sobre estes aparelhos repousam possibilidades da pesquisa, do estudo, enfim, de uma educação formal diferenciada.

Em relação às professoras (02 duas) de Língua Portuguesa, também entrevistadas formalmente nesta pesquisa viu-se que o problema quanto ao uso do internetês se reflete diretamente na escrita, muitas das vezes de maneira equivocada, dessa maneira, indicaram: “Aconteceu de abreviações, advindas da internet, considerei erro ortográfico [...] geralmente acontecem erros ortográficos”.

Nota-se que ao exagerar ou tornar-se um hábito a escrita de abreviaturas do internetês acaba de certa forma influenciando diretamente a ortografia dos alunos, lhes proporcionando o erro, consequentemente este erro tende a afetar no desempenho avaliativo, pois, quando se escreve errado, principalmente nos trabalhos e atividades de Língua Portuguesa, se vê que o desempenho individual ficou bem abaixo das expectativas, isso acaba forçando o professor a realizar atividades paralelas, para que este aluno ou aluna possa enfim, fazer uso da ortografia oficial.

Em seguida, sugeriu-se que as professoras comentassem sobre o possível uso do celular nas aulas de Língua Portuguesa. Disseram que “[...] com certeza, mais com o objetivo dentro da disciplina [...] é possível o uso da tecnologia com consciência, já existem aplicativos para se usar em Português”. No caso de erros comuns, as educadoras, tornaram a salientar que erros ortográficos e abreviações como: “Vc, pq, cça, etc”, são comuns. Isso indica que as abreviaturas ‘inventadas’ na linguagem internetês, se tornaram um problema, pois, tais abreviaturas sequer existem, portanto, são erros de ortografia, como argumentam as educadoras.

Quanto ao processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, as professoras disseram não encontrar dificuldades, tendo em vista: “[...] temos uma biblioteca com um acervo bastante proveitoso de livros”... Assim, as professoras exploram este acervo, deduz-se que caso não utilizasse este acervo, o problema em relação aos erros ortográficos apresentados pelos alunos, seriam bem mais acentuado. À frente, as professoras afirmaram que usar a internet nas aulas é uma possibilidade aceitável, no entanto, é preciso definir para o aluno este fim, para que não venha se desviar dessa finalidade. Finalizando,

questionou-se sobre as sugestões quanto ao uso do celular como ferramenta de ensino da Língua Portuguesa, estas professoras indicaram: “[...] apenas para pesquisas para melhor assimilação do conteúdo”.

É possível, diante dos argumentos apresentados pelas professoras também compreender os comentários de Bortoni-Ricardo (2004) quando sugere que há todo um repertório sociolinguístico que precisa ser explorado, de fato, não se deve aceitar as abreviaturas do internetês, mas é possível empregar o uso do celular de outra forma, sugerindo que os alunos pratiquem a pesquisa e também a produção de textos, pois, é o celular, o aparelho eletrônico mais apreciado do público jovem, assim, utilizá-lo de maneira orientada e supervisionada pode contribuir com resultados positivos em relação ao processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da linguagem virtual informal é uma ‘febre’ junto ao público jovem. A faixa etária de 12 a 18 anos utiliza o celular no envio e no recebimento de mensagens, com esse uso sistemático e direto, criou-se uma linguagem paralela, denominada de internetês. Uma linguagem que emprega com insistência abreviatura de uma grande diversidade de palavras encontradas na gramática oficial da Língua Portuguesa. É bom que se compreenda que essas abreviaturas, não são reconhecidas, portanto, estão ortograficamente erradas.

Devido à forte influência do internetês, os jovens, tomam o hábito de também abreviar palavras quando solicitados a produzir textos, por exemplo, com isso decai a aprendizagem individual, refletindo por sua vez nas avaliações e notas dos alunos. Este trabalho de pesquisa mostra que este problema vem se acentuando desde o momento em que os professores deixam de explorar os recursos tecnológicos oferecidos nos aplicativos dos ‘smartphones’. Por outro lado é importante indicar que tais aparelhos não substituem os livros, por exemplo. Cria-se então uma discussão, usa-se ou não o celular nas aulas, dentre as quais de Língua Portuguesa? Essa resposta acaba dependendo da competência do professor, pois, este tem a autonomia para decidir o que é melhor para atingir suas metas em sala de aula.

A partir dessa contextualização, considera-se que os objetivos propostos nessa pesquisa foram alcançados. Viu-se que o celular atrai o jovem estudante e ao mesmo tempo o afasta da linguagem formal exigida nas produções textuais dentro e fora da sala de aula. Constatou-se que o celular necessita de maior espaço para de fato contribuir com a apreensão do conhecimento por parte do aluno. Comprovou-se também que os hábitos errados de escrita, mesmo sem a intenção, são transferidos para a sala aula, aumentando assim o risco do equívoco por parte do aluno.

Dessa maneira, sugerimos que o celular bem como os recursos que oferece para a prática da pesquisa seja apreciado pelo professor, dada as facilidades de sua manipulação, no entanto, é necessário que o professor esclareça aos alunos seu uso específico, não abrindo exceções para outro tipo de ação em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Margaridade Andrade de. **Introdução à metodologia do trabalho científico.** 9^a Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris. **Educação em língua materna sociolinguística na sala de aula.** Stela Maris Bortoni-Ricardo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** Stela Maris Bortoni-Ricardo. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BRAZ, Vânia B, RIBEIRO, Celeste M.M, MENEGUETTI, Celso A, MOREIRA, Mário José SORIANO, Filipe C, MIURA, Veriano. **Telefonia celular: o uso de uma nova linguagem em peças publicitárias.** UNIVAP – Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Comunicação e Artes, Av. Shishima Hifumi,2911.

COUTO, Gil Horta Rodrigues. **Celulares: A Tecnologia do Telefone Móvel Mediando Uma Nova Linguagem?** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste – Juiz de Fora – MG.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2005.

PINHEIRO, Regina Cláudia; RODRIGUES Marcia Linhares (FA7). **O uso do celular como recurso pedagógico nas aulas de língua portuguesa.** Círculo Fluminense de Estudos Filosóficos e Linguísticos. *Revista Philologus*, Ano 18, N° 52. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2012.

RIBAS, Elisângela; RIBAS Ângela; PINHO, Denise da Sena; LAHM Regis Alexandre **A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes.** Programa de Pós graduação em Educação em Ciências e Matemática. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, s/d.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Antônio César; Weiduschat, Íris; Tafner, José. **Metologia do trabalho científico.** Associação Educacional Leonardo da Vinci. Indaiá/ SC: Ed. Asselvi, 2006.